

# Refresh!

**A Volta dos Anos 2000**

**Moda**

**Música**

**Cinema e Tv**

**Tecnologia**

**Literatura**



# Editorial

A indústria cultural é marcada pelo constante reaparecimento de tendências, ao longo das últimas décadas moda, música, literatura e audiovisual inseridos no mainstream têm sido afetados por um caráter nostálgico. A cultura pop tornou-se um campo atemporal, onde passado, presente e futuro aglutinam-se, alimentados por elementos do passado recente na criação de novos produtos.

É evidente, no entanto, que as mudanças ocorridas desde o início do século, com o surgimento das redes sociais e de novos meios de comunicação e difusão de informações, são cada vez mais radicais. Discussões sociais ganharam espaço e grupos minoritários passaram a participar da produção e reflexão acerca das obras culturais, permitindo o engendramento de um olhar crítico sobre questões antes pouco debatidas.

Nesse sentido, a revista Refresh! busca compreender de que modo a geração afetada pela característica cíclica da cultura pop digere o seu retorno, considerando o avanço das discussões sociais, políticas e culturais que perpassam essa geração, revisitando temas dos anos 2000 através de um olhar atual, dessa vez, mais criterioso sobre a indústria cultural da época, buscando uma intercessão entre a nostalgia e a análise crítica e social das obras.

Iremos para tanto engedrar essa discussão ao longo de cinco seções: moda, música, cinema e TV, literatura e tecnologia.

# A Polêmica moda dos anos 2000

Todos nós sabemos que o jeans não sai de moda, mas é interessante pensarmos em como as tendências aparecem e reaparecem, caindo no gosto do público. A moda é cíclica e se transforma de acordo com o contexto em que se insere. Atualmente a queridinha em destaque é a estética dos anos 2000.

A volta do visual destes anos caóticos da moda colocou em alta óculos de sol com lentes coloridas, shoulder bags, blusas com estampas infantis, logotipos, presilhas de cabelo, a polêmica calça de cintura baixa e muitas outras tendências. Nesse sentido, até que ponto reviver o passado é interessante?

Por mais que o período tenha sido de grande liberdade criativa na montagem de looks, não podemos esquecer da crueldade com os corpos femininos. Ao revisitarmos as fotos, notamos sua magreza, um padrão irreal de beleza que moldava as mulheres no qual quanto mais magro, melhor.

Durante anos, víamos nas passarelas espaço somente para corpos magérrimos e barrigas chapadas. Atualmente, a inserção de corpos reais neste universo vem acontecendo, mesmo que de maneira gradativa.

Sendo assim, o throwback da famosa e polêmica cintura baixa, por exemplo, cria um grande debate sobre o impacto que a magreza extrema pode causar novamente em nossa sociedade.

A grife Miu Miu, em 2021, apresentou ao público a coleção “Verão de 2022”, que trazia peças com a cintura baixíssima. Tal desfile acabou gerando certa repulsa, já que foi composto exclusivamente por corpos magros, refletindo a exclusão que essa tendência reproduz.

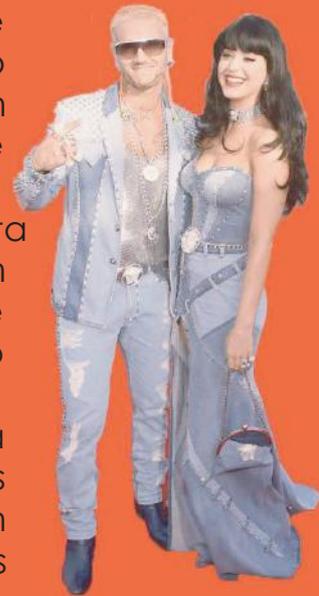
Até que ponto a volta dos ícones da moda daquele período estaria sendo inclusiva e benéfica às pessoas?

Outra pauta questionável referente ao retorno das tendências daquele momento é a apropriação cultural. Nele, era considerado correto o uso de elementos culturais diversos como forma de estilo. Por isso, era comum vermos pessoas brancas, por exemplo, com tranças afros, acessórios étnicos, turbantes e lenços, costume este que, atualmente, temos a consciência de ser desrespeitoso.

Com o poder das mídias sociais, a disseminação de conteúdos e grandiosa influência, a problematização acerca dos padrões corporais torna-se de suma importância, já que a sociedade está em constante evolução.

A criação dos ícones nos anos 2000, como Avril Lavigne, Britney Spears, Christina Aguilera e Paris Hilton, deu a estas pessoas poder suficiente de indução, o qual é lembrado até hoje. Seria impossível conversar sobre moda daquela década e não mencionar o clássico look all jeans de Britney Spears e Justin Timberlake, usado durante o American Music Awards de 2001, e como um único look impactou a seguinte geração de ícones, uma vez que, casualmente é reproduzido, como foi, por exemplo, por Katy Perry e Riff Raff no Video Music Awards em 2014.

Desse modo, o retorno de uma era tão marcante nos faz não somente revivê-la, mas refletir sobre suas causas e consequências. Moda significa mais do que ter estilo, ela representa o saber criar e recriar, o reviver do passado com foco no futuro, pois tal qual o jeans, o cosumo consciente tampouco deixa de ser tendência.



**Katy Perry e Riff Raff**



**Britney Spears e Justin Timberlake**

# Ensaio fotográfico









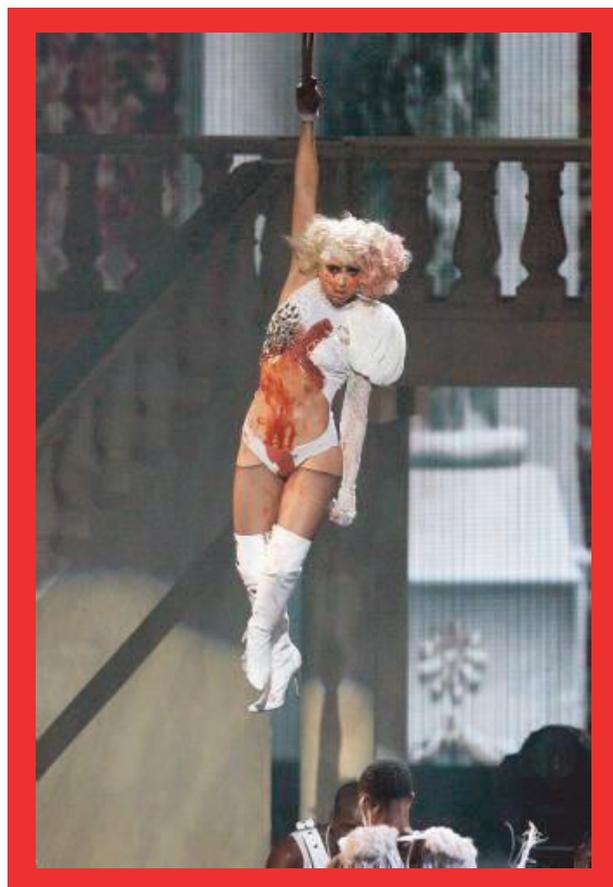
# A Repercussão da Música Pop

## Sobre o início do pop...

A música popular durante os anos 2000 foi uma grande virada de jogo na indústria fonográfica, tendo em vista que, junto dela, havia o aparato tecnológico e as novidades sociais da virada do século.

Ainda que inovador, o gênero pop recebia grandes críticas, uma vez que a indústria, até então sustentada por homens cisgêneros brancos e heterossexuais, não cedia espaço para novas discussões.

Assim, este gênero musical precisou ser forte enquanto construía seu marco durante a década. A partir de seus videoclipes super produzidos e performances elaboradas e com o apelo do público, artistas foram se popularizando cada vez mais e o pop foi consolidado dia após dia, até se tornar um dos pilares da indústria.



**Lady Gaga no VMA de 2009**

## O fenômeno dos super videoclipes

O canal televisivo MTV trouxe uma inovação a partir da sua forma de lançamentos de músicas e surgimento de novas estrelas da música. Ele expandiu a possibilidade de aproximar as produções cinematográficas com a indústria fonográfica por meio de videoclipes super produzidos. Com isso, os artistas passaram a lançar os seus próprios clipes nele como forma de promoção musical. Além disso, criavam uma nova forma do público entrar em contato com os mais diversos conteúdos que circulavam ao redor do mundo.

Nos anos 2000, os videoclipes tendiam a explorar narrativas, tendo os próprios cantores encenando enquanto sustentam coreografias e looks que marcaram a época. Um exemplo deste é o clipe da música Toxic, de 2004, cantada por Britney Spears, no qual a artista interpreta uma assassina, roubando dispositivos de segurança, invadindo salas secretas e matando por dinheiro, trazendo em si sensualidade e certa malícia.

Fora MTV, uma outra característica que marcava a junção do audiovisual com a indústria fonográfica era as performances realizadas em premiações, como o Grammy Awards, Video Music Awards (VMAs) e Europe Music Awards (EMAs). Dentre elas, podemos citar Lady Gaga na performance de sua música Paparazzi durante o VMAs em 2009, na qual uma crítica assídua foi realizada em cima dos palcos do evento. A cantora se sujou de sangue, gritou em agonia em meio à música e, depois do seu sufocamento, é amarrada numa corda sangrando até a morte, suscetível a milhares de pessoas, criticando a exposição do mundo da fama, que ao mesmo tempo em que crescia com os meios de comunicação, também evidenciava os problemas da vida pessoal dos artistas.

É válido ressaltar que a crítica de Lady Gaga acompanhava os embasamentos feministas da época, mostrando a luta sobre seu próprio corpo.

## Antiga x nova geração pop

O ciclismo é uma das características mais marcantes da indústria cultural, isto é, a retromania, um conceito modernista criado por Simon Reynolds em XXXX que serviu como base para a compreensão do processo de volta ao passado, suas redescoberta e atualização. Trata-se da obsessão que se dedica a uma determinada época, resultando a partir das vivências dos profissionais que carregam referências apreendidas na infância e adolescência.

Dentro deste contexto, é possível citar o exemplo da última década do gênero pop, carregada de referências aos anos 1980, mas que recentemente teve sua atmosfera de inspirações focada num outro momento: o início dos anos 2000.

Em vista disso, o público que antes era embebido em cultura pop e alternativa dos anos 2000 ocupando espaço em fóruns de fãs, blogs e vlogs, estão encontrando lugares dentro das mídias sociais, como o TikTok, para trazer inspirações deste período como forma de criar tendências virais. Tais tendências passam a impactar a indústria fonográfica diretamente, determinando estruturas, melodias características - músicas emotivas, guitarras com tons agudos, gritos nos vocais, representação de sentimentos tristes e melancólicos e produção voltada ao hip-hop.

Um exemplo concreto da característica cíclica da cultura pop é o single 1999, parceria entre Chali XCX e Troye Sivan. Nele, os artistas cantam sobre a vontade de voltar para a época dos Nike airs, seriado All That e de quando ouviam "...Baby One More Time", de Britney Spears. Além disso, o videoclipe é repleto de referências saudosas à época, incluindo a moda, os meios de comunicação, filmes e vídeo games. A edição e montagem do clipe também trazem características daqueles expostos na MTV, contendo um uso excessivo de chroma key e uma paródia de um clipe de Justin Timberlake.

Outros exemplos são o sucesso estrondoso do álbum SOUR, de Olivia Rodrigo, no qual a estética do início do século está presente tanto na sonoridade quanto no visual, e o fenômeno global de k-pop, como BTS e BLACKPINK, que abusa de cores fluorescentes em suas locações.

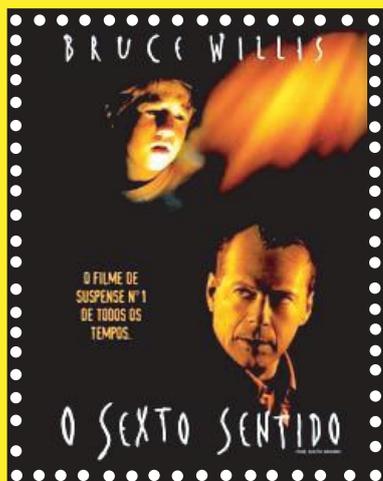
É interessante pensarmos que não somente artistas novos estão referenciando os anos 2000, mas os artistas da época continuam fazendo sucesso, seja por meio de lançamentos de novos singles e álbuns ou regravações de suas músicas antigas.

É válido ressaltar que os gêneros musicais pop que se concretizaram em torno daquela década voltaram com uma nova leitura e interpretação do público para com eles, ganhando uma percepção moderna da crítica. Atualmente, a música popular atravessou atmosferas de preconceito e se estabeleceu como um dos pilares da indústria, rompendo sua fronteira e sendo valorizada por sua grandiosidade enquanto potência no abalo cultural.



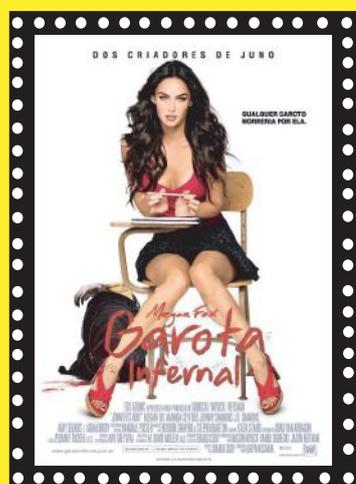
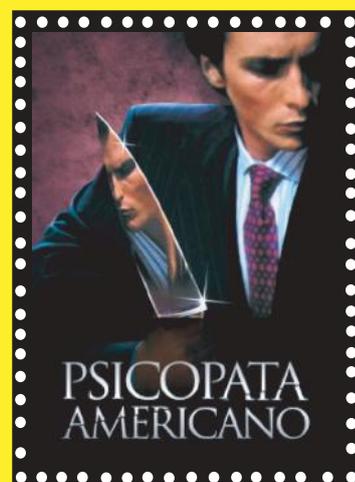
# Indicando filmes

Aí vai uma lista de indicações de filmes para maratona no fim de semana!



O Sexto Sentido (1999): suspense de M. Night Shyamalan no qual acompanhamos Cole Sear, um menino de oito anos que tem dificuldade em fazer amizade e se enturmar. Seu psicólogo, Malcolm Crowe, interpretado por Bruce Willis, tenta recuperar os traumas do paciente e entender seu caso. Disponível no Star+

Psicopata Americano (2000): dirigido por Mary Harron, somos introduzidos à história de Patrick Bateman, incorporado por Christian Bale, um homem aparentemente comum, com um trabalho e colegas em Wall Street. Porém, quando ele não está trabalhando, assume o papel de psicopata, tornando-se perigoso e violento. Disponível no Star+

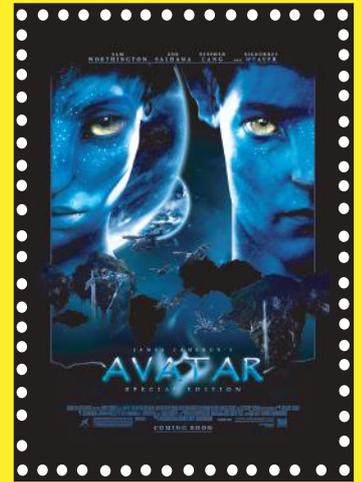


Garota Infernal (2009): neste terror adolescente de Karyn Kusama, a estudante líder de torcida Jennifer, interpretada por Megan Fox, é possuída por um demônio e se torna violenta com os garotos. Sua amiga Needy (Amanda Seyfried), descobre a possessão de Jennifer e tenta impedi-la. Disponível no Star+.

Donnie Darko (2001): neste filme de Richard Kelly, Donnie, vivido por Jake Gyllenhaal, é um menino exêntrico e com poucos amigos que tem visões de um coelho falante que o atrai para certos lugares. Tal coelho, Frank, diz que o mundo acabará em poucos dias e Donnie passa a questionar se sua previsão seria verdadeira. Disponível no Amazon Prime Video.

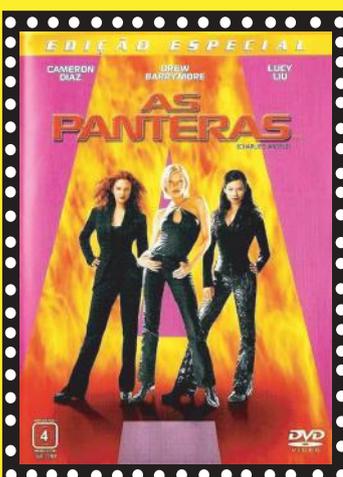
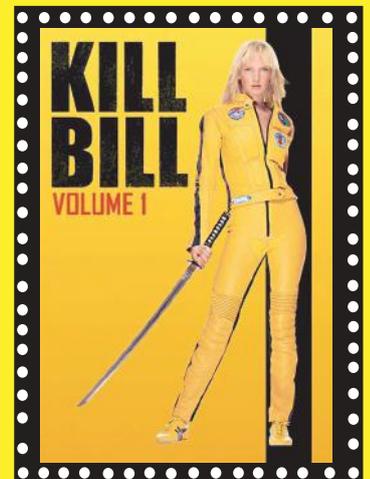


Avatar (2009): obra de James Cameron, conta a história de um planeta alienígena com seres altamente evoluídos. Jake Sully (Sam Worthington), é selecionado para participar do programa Avatar e viaja até Pandora, lar dos na'vi. Os humanos não conseguem respirar o ar da lua, então, criam seres híbridos. Jake se apaixona por uma na'vi e luta pela sobrevivência do seu mundo. Esta obra fez muito sucesso, tornou-se um marco cinematográfico e terá seu segundo filme lançado em 15 de dezembro deste ano. Não está disponível em nenhuma plataforma de streaming no momento, mas será relançado nos cinemas. Fique atento para novas informações!



Planeta dos Macacos (2001): história de Tim Burton, um astronauta chamado Leo, interpretado por Mark Wahlberg, tem que pousar de modo forçado em um planeta desconhecido. Nele, os macacos dominam os humanos. Disponível no Star+.

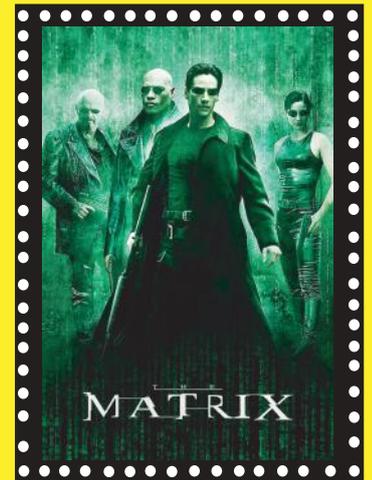
Kill Bill (2003): duologia do diretor Quentin Tarantino, uma assassina interpretada por Uma Thurman pretende se vingar de Bill, seu ex-chefe que tentou matá-la no dia de seu casamento. Até chegar a ele, enfrenta diversas pessoas da equipe de assassinos que participaram do massacre no fatídico dia. Disponível no Amazon Prime Video.



As Panteras (2000): dirigido por Joseph McGinty Nichol, três mulheres são detetives particulares que trabalham para Charlie. Interpretadas por Drew Barrymore, Lucy Liu e Cameron Diaz, elas enfrentam o desafio de investigar o sequestro de um bilionário que pode colocar sua empresa em risco. Com o sucesso do filme, As Panteras retornaram em 2019, com outras atrizes e uma nova história.



Sr. e Sra. Smith (2005): do diretor Doug Liman, o filme conta a história de John (Brad Pitt) e Jane (Angelina Jolie), que aparentam ser um casal comum, mas na verdade ambos mantêm um segredo: são assassinos de aluguel de empresas rivais. Disponível na Netflix.



Matrix (1999 a 2011): uma grande franquia cinematográfica dirigida por Lana Wachowski, os filmes percorrem a vida de Neo, Keanu Reeves, na descoberta de um sistema artificial que manipula e controla a mente dos seres humanos, criando ilusões. O filme mais recente foi lançado em 2021. Disponível na HBO Max.



Star Wars (1977 a 2019): do diretor George Lucas, Star Wars conta com nove filmes e desdobramentos em séries. A narrativa apresenta uma guerra entre os líderes do império e do grupo libertário do espaço e conta com personagens inesquecíveis, como a Leia Organa, Darth Vader e Luke Skywalker. Disponível no Disney+.

Pânico (1996): iniciada em 1996, o primeiro filme da franquia conta a história de Sidney Prescott, interpretada por Neve Campbell, e seus amigos, os quais são aterrorizados em Woodsboro por um assassino em série coberto em roupas pretas que usa uma máscara de fantasma. A identidade do assassino, seus alvos e suas motivações mudam em cada filme. No início desse ano, tivemos o lançamento de Pânico 5. Devido ao seu sucesso, foi confirmado um sexto filme para 2023. Disponível no Globoplay.



# Tropos audiovisuais dos anos 2000

O termo “Tropo” se refere, originalmente, a uma figura de linguagem. No entanto, ao longo dos últimos anos, com o desenvolvimento dos estudos de mídia, ele passou a ser empregado para designar elementos que surgem de maneira recorrente dentro das narrativas audiovisuais e literárias, sendo levados ao esgotamento à partir da repetição (VIEIRA, 2021).

Tropos não são apenas convenções de um determinado gênero, cada gênero dentro do cinema pressupõe certos elementos narrativos, com normas, limitações e potencialidades próprias. Os tropos são menos generalistas, são “formas específicas de apresentar convenções de gênero em uma determinada narrativa, estabelecidas a partir da percepção geral de uma repetição narrativa ao longo dos anos, aparecendo em personagens ou no próprio enredo” (GILBO, 2020. Tradução de Writers Room 51).

O uso da noção de tropos audiovisuais tem ganhado espaço na internet com o surgimento de diversas críticas de TV e cinema que apontam para a repetição de elementos e personagens nas produções, em especial as hollywoodianas, de forma estereotipada. Apesar do termo não se referir diretamente a esteriótipos, e sim a uma ideia mais geral de recorrência, ele se confunde, muitas vezes, com a

construção de personagens clichês, que corroboram para o engendramento de imaginários nocivos sobre determinados grupos na sociedade.

Muitos desses arquétipos que perpassam os dias atuais tiveram início em meados nos anos 1990 e estabeleceram-se como tropos ao longo dos anos 2000, por meio de produtos vinculados à cultura popular que se refere ao audiovisual, tropos como o do “melhor amigo gay”, da “patricinha malvada” e “manic pixie dream girl”, são exemplos da recorrência e reprodução de noções estereotipadas sobre grupos subjugados.

Aqui, interessa-nos essencialmente o tropo da “garota especial”, que pode ter desdobramentos com outros similares, como é o caso da “manic pixie dream girl” ou da “smart girl”, e foi muito comum em filmes do gênero coming of age, permeando o imaginário da geração que viveu sua infância e adolescência nos anos 2000.

A garota especial, à primeira vista, parece ser comum, mas algo sobre ela é extraordinário e atrai a atenção de seu interesse romântico masculino. Em geral, sua figura é desassociada de traços de feminilidade. Ela se veste de forma simples, não se importa com aparências, pode ser desajeitada ou não ter muito traquejo social, é dotada de características como inteligência e



**A Barraca do beijo**



**Sierra Burgess e uma loser**

coragem, possui hobbies e interesses distintos, em especial por literatura e música, e não corresponde ao que é esperado dela. Ao olhar desatento, ela pode transparecer como um símbolo feminista, no entanto, a problemática da figura desta garota surge da contraposição dessas personagens em relação às outras personagens femininas, retratadas como desinteressantes e superficiais, reforçando a noção de que suas características não são passíveis de serem reconhecidas em outras mulheres.

Para compreender como o esteriótipo da garota especial contribuiu para a construção de um imaginário incoerente de feminilidade, é necessário lembrar o termo “male gaze”, cunhado ainda em 1975 pela teórica e crítica de cinema Laura Mulvey, em seu ensaio *Visual Pleasure and Narrative Cinema* (Prazer Visual e Cinema Narrativo), que se refere à ideia de que as mulheres são retratadas tipicamente sob uma ótica masculina. Ou seja, objeto deste olhar (de um homem cisgênero branco heterossexual), e não portadoras de um olhar próprio.

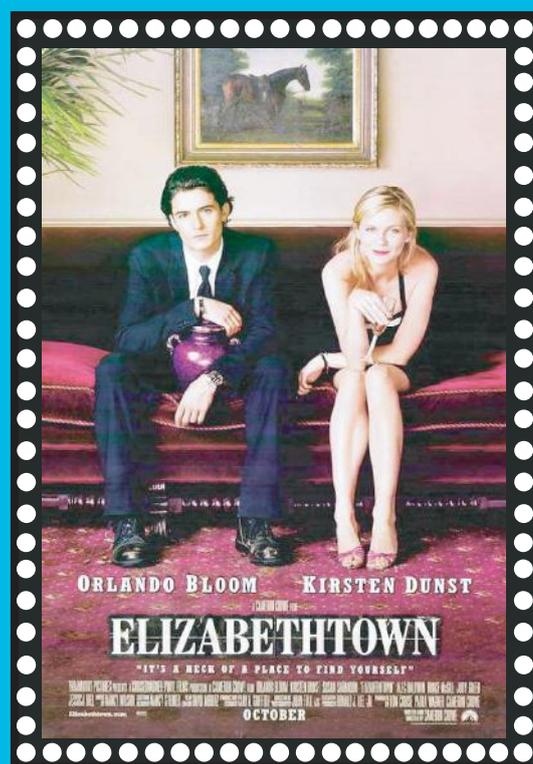
Ainda que remeta a um contexto específico, a obra de Mulvey passou por diversas leituras e pode ser aplicada a diversas produções audiovisuais. A noção do “male gaze” se mescla com a visão crítica da construção dos tropos audiovisuais como o da garota especial no que diz respeito ao papel tipicamente passivo e idealizado das personagens femininas.

A garota especial, ainda que pareça possuir características distintas, existe apenas para suprir as necessidades dos personagens masculinos da trama, seu mundo revolve em torno deles. Um dos exemplos mais comuns é o filme *Tudo Acontece em Elizabethtown*, de 2005, no qual a personagem de Kirsten Dunst (Claire Colburn) tem a função de ajudar o triste Drew Baylor (Orlando Bloom). Ela é unidimensional, sua personalidade radiante existe pelo contraste e para

provocar no seu interesse romântico as transformações necessárias. Foi a partir de uma crítica a *Elizabethtown*, feita por Nathan Rabin, que surgiu o termo “manic pixie dream girl”, que foi posteriormente aplicado e ressignificado em diversas produções cinematográficas.

Ainda hoje, a garota especial segue sendo protagonista de diversos romances coming of age. Podemos citar filmes como *Sierra Burgess é uma Loser*, de 2018 e *A Barraca do Beijo*, também de 2018, como exemplos.

A sutil diversificação do olhar por trás das câmeras nas produções audiovisuais da cultura pop ainda é muito incipiente, como é possível perceber pela insistência dos tropos narrativos em torno da figura feminina. No entanto, é importante ressaltar que o campo de batalha pelos olhares possíveis tem chegado a essas obras, e o tropo da garota especial tem sido subvertido por filmes como *Fora de Série*, de 2019, que retira a protagonista do papel de singularidade e coloca em pauta a rivalidade feminina e individualização construída pela perpetuação desses esteriótipos de feminilidade contraditórios.



Zeitgeist, ou “espírito do tempo”, em português, é um termo em alemão que busca exemplificar os elementos e as características culturais que definem uma época. No cinema, o zeitgeist aparece quando assistimos a um filme e conseguimos associar seus recursos estilísticos, como enquadramento, movimentos de câmera e proporção de tela anterior ou não à chegada do som, ao contexto temporal em que foi produzido. Ele também aparece em narrativas a partir de discursos que refletem e endossam padrões sociais pré estabelecidos. Assim, da mesma maneira que a linguagem cinematográfica muda conforme o cenário histórico, a recepção do público se adapta a sua geração, conseqüentemente, um filme produzido na década passada não teria o mesmo efeito na atualidade.

Esta questão se torna mais evidente se olharmos para as comédias populares dos anos 2000. Nelas, eram reproduzidos arquétipos de grupos sociais específicos com cunho humorístico. As piadas hoje consideradas preconceituosas com as mulheres, população preta, comunidade LGBTQIA+, capacitistas e gordofóbicas tinham muito espaço nesse gênero e estereotipavam populações socialmente vulneráveis.

Edgar Morin, em seus estudos culturais, discorre que a indústria cultural, além da padronização, precisa da inovação, e é daí que surgem os arquétipos - grandes temas que perpassam gerações e são reconhecidos por outras culturas e populações diferentes, mas que mantêm certo significado. Neste caso, os arquétipos aqui referidos não são semelhantes à morte ou ao amor, temas repetidos pela indústria em um sentido shakesperiano mas dizem respeito à renovação de preconceitos e estereótipos presentes na sociedade.

Com a globalização midiática, grupos minoritários passaram a ganhar voz e a se posicionarem acerca dos arquétipos audiovisuais. O que muitos consideram vitimismo, os textos, boicotes, vídeos e outras manifestações online são métodos de contestar as problemáticas perpetuadas. Com efeito, comédias protagonizadas por pessoas que fogem do padrão heteronormativo alcançaram mais notoriedade na crítica especializada. Chewing Gum, de 2015, Fleabag, de 2016, Sorry to Bother You, de 2018, e Booksmart, de 2019, são alguns exemplos disso.

Assim, podemos nos questionar como envelheceram as comédias populares dos anos 2000. Será que elas sobreviveram ao teste do tempo? Para responder à pergunta, trouxemos uma breve análise do filme Todo Mundo em Pânico, de 2000, sucesso na época.

# Os efeitos temporais das comédias dos anos 2000



**Fleabag (2019)**



**Booksmart, 2019**



**Sorry to Bother You, 2018**



**Chewing Gum, 2015**



## **TODO MUNDO EM PÂNICO!**

Dirigido por Keenen Ivory Wayans, *Todo Mundo em Pânico*, lançado em 2000, é uma sátira das obras cinematográficas de terror dos anos 1990, citadas direta ou indiretamente. São elas: *Eu Sei O Que Vocês Fizeram no Verão Passado*, de 1997, *A Bruxa de Blair*, de 1999, e, principalmente, *Pânico*, de 1996. O filme contém pontos altos e baixos que colocam o espectador em xeque, pois ao mesmo tempo em que faz uma análise perspicaz do gênero slasher, traz piadas de baixo calão que evocam preconceitos e problemáticas sociais.

A respeito dos pontos positivos, deparamo-nos com cenas bem executadas que mesclam a quebra da expectativa, própria da comédia, aparecendo em momentos de tensão, à metalinguagem escancarada, uma vez que as personagens demonstram a construção ficcional da linguagem cinematográfica, algo que também acontece em *Pânico*, mas com menor intensidade.

Em contrapartida, os pontos baixos se sobressaem quando os preconceitos tomam conta da narrativa. É possível citar inúmeros exemplos desta problemática no longa. Há violência contra a mulher na cena em que a personagem Cindy, interpretada por Anna Faris, é espancada por brincadeira; assédio sexual e construção de estereótipo na representação de uma mulher transsexual a qual se trata de um homem cisgênero que se veste como uma mulher para assediar alunas; homofobia expressa no personagem Ray, incorporado por Shawn Wayans, que aparece como alívio cômico na trama somente por ser um homem homossexual não assumido; e piadas capacitistas utilizando do personagem Doofy, papel desempenhado por Dave Sheridan.

Sendo assim, fica claro que *Todo Mundo em Pânico* não sobreviveria ao teste temporal e se tornaria alvo de inúmeras críticas pelo público, dado que o longa-metragem peca em transformar problemas reais em brincadeiras ao invés de ter se bastado à paródia dos filmes de terror.

# O Legado



# de Rebelde

Em 15 de agosto de 2005, estreava no canal brasileiro SBT a novela mexicana Rebelde, originalmente iniciada em 2004 e concluída em 2006. Produzida pela Televisa, escrita por Pedro Damián e inspirada na obra argentina Rebelde Way, de Cris Morena, o que era para ser mais uma novela veio a se tornar um fenômeno dentro e fora das telas, marcando a cultura pop latino-americana. A trama se passa em um colégio mexicano de classe alta, o Elite Way School. Os alunos vivem em um semi-internato e têm de lidar com situações da vida adolescente, como o bullying, primeiro amor e conflito com os pais. Os personagens principais, Roberta (Dulce María), Mia (Anahí), Lupita (Maite Perroni), Diego (Christopher Uckermann), Miguel (Alfonso Herrera) e Giovanni (Christian Chávez), também lidam com a diferença entre suas classes sociais e superam suas divergências em nome do amor a música. Durante sua primeira exibição, a média de audiência era de 9.41



pontos, sendo transmitidas em alguns horários: 17h30min, 18h30min, 19h15min e 20h15min. A novela foi reprisada em 2014 e se consagrou como uma das maiores audiências do SBT, com média de 7 pontos, perdendo apenas para a novela brasileira Chiquititas, relida pelo mesmo canal. Desta forma, o grupo musical RBD, formado pelos protagonistas, saiu das telas e passou a lotar estádio em suas apresentações, tornando-se um enorme sucesso na cena musical. A banda lançou nove álbuns de estúdio e cinco álbuns ao vivo, além de vídeos musicais, extende plays (EPs) e DVDs, ultrapassando quinze milhões de cópias comercializadas e se tornando um dos maiores grupos de música em espanhol na história. Passando por vinte e três países e cantando em locais renomados, como no Maracanã, no Rio de Janeiro, Estádio do Coliseum, em Los Angeles e Madison Square Garden, em Nova York e tendo álbuns gravados no Brasil como o Live in Rio e

Live in Brasília, os integrantes moldaram uma geração. A apresentação em Brasília, na Esplanada dos Ministérios, reuniu quinhentas mil pessoas e foi considerado o maior show da história da banda.

O sucesso mexicano foi uma adaptação da novela argentina Rebelde Way, mas é graças ao RBD que novas releituras foram produzidas, inclusive uma no Brasil. Ao todo são sete adaptações, passando por países como Chile, Portugal e Índia, além da produzida pela Netflix em 2022. Todas possuem o mesmo enredo com alterações, como nomes, vestimentas e idiomas.

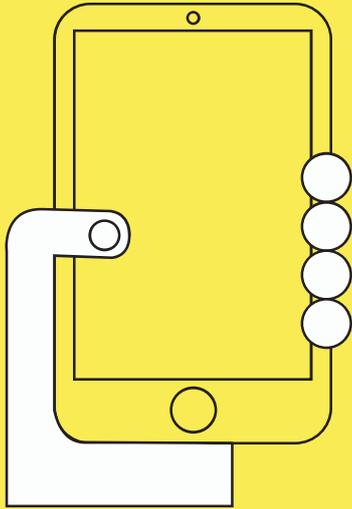
Além de estar presente nas adaptações, é possível notar a influência de RBD em séries como Elite, por exemplo. É clara a inspiração da série tanto na trama como

nos figurinos usados pelos personagens, uma vez que se passa num colégio de classe alta no qual o cotidiano dos alunos sofre mudanças a partir da chegada de alunos bolsistas.

Rebelde se tornou mais do que uma novela, foi um marco inegável da década. Sua influência permanece mesmo após quinze anos desde sua estreia e suas conquistas continuam sendo relevantes para a cultura pop latino-americana.



# A Influência das Mídias Sociais



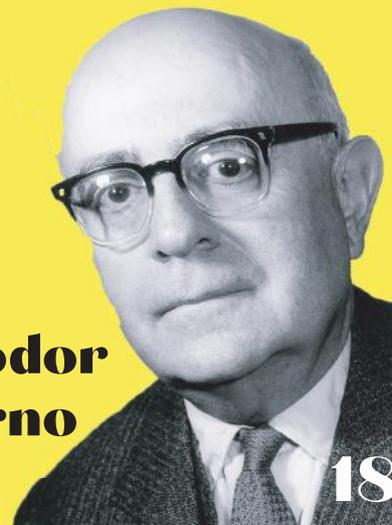
A geração jovem dos anos 2000 foi a primeira a se formar em contato com um meio de comunicação rápido e emblemático: as mídias sociais. Elas surgiram na internet, popularizada na segunda metade da década de 1990, e evoluíram enquanto campo de interação, trazendo sites e redes online que rapidamente se popularizaram. Dentre eles, podemos destacar o MSN, Orkut, Facebook e Twitter. Tais redes conseguiram influenciar na estética, no modo de viver e de se comunicar dos indivíduos, tornando-se mais presente dia após dia.

Antes das redes sociais, os blogs tinham grande espaço na internet e seus usuários conseguiam facilmente relatar as vivências do seu cotidiano. Tais blogs evoluíram para fotoblogs e videoblogs, e logo foram substituídos pelas redes atrativas, considerando a forma quase instantânea de comunicação que era oferecida (HENRIQUES, 2014). Essas foram responsáveis por conectar pessoas e expandir os vínculos interpessoais, criando “laços afetivos com outros sujeitos, situados em qualquer parte do mundo, com o compartilhamento de vivências, ideias, percepções e sentimentos com facilidade e rapidez” (BORDIGNON, 2017, p. 312)

Logo, os jovens daquela época puderam ter contato com uma rapidez de comunicação que, hoje, nota-se ainda mais evidente. No surgimento das redes, quando era novidade, os indivíduos compartilhavam somente vivências e experiências. Ao passar do tempo, passaram a criar comunidades virtuais com interesses próprios, além de elaborarem perfis com fotos, como no Orkut. Pouco tempo depois, o Facebook conseguiu abranger todos esses aspectos em uma única rede e se tornou um pilar interativo-comunicacional.



**Max  
Horkheimer**



**Theodor  
Adorno**



Ao pensarmos nas características das redes e, principalmente na sua rapidez e eficácia, podemos estabelecer uma relação entre o modo de viver e o modo de navegar. Os usuários se tornaram imediatistas. Segundo as ideias de Theodor Adorno e Max Horkheimer sobre indústria cultural, ela produz e distribui produtos conforme os pensamentos da burguesia, enquanto a economia é “ditada pelo ritmo das máquinas, pela exploração do homem sobre o próprio homem, pela reificação e pela alienação” (GOULART, 2014, p. 2). Assim, a forte influência das redes sociais na virada do milênio moldou um novo formato de consumidor, sendo a moda e os prazeres de consumo reflexos da sociedade capitalista dominante.

Nesse sentido, a volta da estética daquela época nas redes sociais está presente em âmbitos artístico e estilístico através da reafirmação dos seus elementos nas mídias comunicacionais, alienando os sujeitos e, como consequência, tornando-os um grande produto da indústria cultural.

As redes, então, reproduziam elementos presentes na época, como a moda e o estilo de se vestir, por exemplo. Atualmente, as redes sociais, mais potentes, moldam o modo de vida de seus usuários, fazendo com que a volta dos anos 2000 saia das telas e se inscreva no mundo real

# A fanfiction e o desejo LGBT

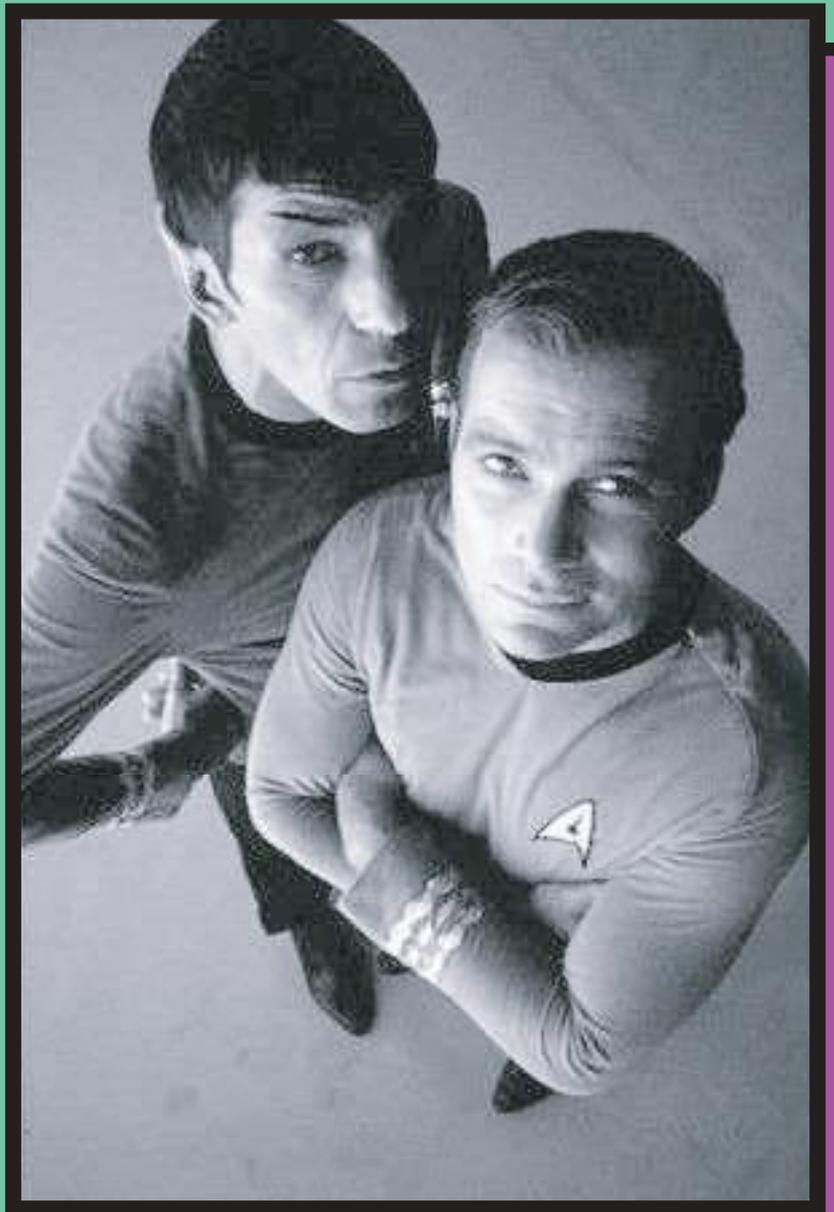
Segundo o dicionário virtual de Cambridge, as fanfictions (fanfics) são “histórias escritas sobre personagens de TV, filmes ou livros por seus fãs”. É um fenômeno pós-moderno que os fandoms usam para interagir entre si e expressar suas opiniões em torno da obra, como discussões sobre seu cânone, teorias relacionadas aos seus desdobramentos e, principalmente formações de casais pelos quais os autores torceram por um final feliz.

Todos nós conhecemos uma trilogia de livros sobre um certo milionário que desfruta de um relacionamento sadomasoquista e que na verdade, foi inicialmente pensada como uma fanfic de outra obra, Crepúsculo, sobre um vampiro com glitter que vivia recluso, solitário.

A fanfic, por mais que seja um fenômeno pós-moderno possui características advindas de grandes clássicos da literatura como Eneida de Virgílio, Romeu e Julieta de Shakespeare e Ulysses de James Joyce, que se assemelham na construção narrativa. Um conto encomendado pelo imperador romano Augusto César baseado em Enéas, um personagem secundário em Ilíada; o desenvolvimento de um poema escrito por Arthur Brooke chamado *The Tragicall Historie of Romeus and Juliet* (1562) no qual Shakespeare cria seus próprios personagens, e um universo alternativo de A Ilíada, situado em Dublin e repleto de cenas de sexo que poderiam ser classificadas como mature pelo Archive of Our Own, respectivamente.

No entanto, foi a popularização da televisão ao longo da década de 50 nos EUA e no Reino Unido que deu vazão para que, na década seguinte, o conceito de fã ficção começasse a crescer através da comunidade de Star Trek, a qual publicava suas histórias em fanzines, como a Spocknalia, de 1967.

Uma matéria publicada pelo Jornal britânico *The Guardian* discorre sobre a terminologia notável da época, originada pelos aficionados em ST: a slash-fic, usada pela primeira vez em *The Ring of Soshern* (1968), uma fanfiction de 105 páginas escrita por Jennifer Guttridge que descreve um subgênero



**Spock e Kirk**

baseado em cenas de sexo gay. Veja a sinopse da história:

Spock e Kirk se encontram presos em um planeta remoto e deserto. Spock entra no estado de “Porn Far”: a violenta febre “no calor” que atinge os vulcanos, durante a qual eles devem “fazer sexo ou morrer”. Para salvar a vida de Spock, Kirk permite que Spock o penetre, os dois se apaixonam e “passam todos os dias restantes no planeta explorando tanto o planeta quanto os corpos um do outro” (The Guardian, 2012, tradução nossa)

Ressaltamos que as histórias de Star Trek eram redigidas por Trekkers femininas. As comunidades de fãs, não só de Star Trek, eram e ainda são subpartes de um fandom, principalmente aquelas referentes às obras de fantasia e ficção científica, extremamente machistas. Por isso, o tipo de literatura que as fãs produziam, especialmente os romances gays, eram considerados “cultura menor” pela parte dominante da comunidade, os homens, e suas contribuições eram, quando não escondidas, ridicularizadas.

Somente com o advento da internet na década de 90 e o crescente avanço tecnológico, bem como a sua difusão em massa em 2000, que as fanfictions se tornaram algo ostensivo na população de aficionados. Diversas plataformas de postagens destas histórias foram criadas naquele período: Nyah!Fanfiction (2005), Wattpad (2006), Tumblr (2007), que mesmo não sendo específica para a publicação das histórias, foi fundamental para sua expansão, e AO3 (2009). A partir delas, os fãs puderam difundir facilmente seus contos. Além disso, o conteúdo oficial produzido pela televisão passou a ter narrativas mais complexas, incentivando tal engajamento e escrita.

Em fandoms com interesse em conteúdo queer, a fanfic furou a bolha do nicho de jovens mulheres escrevendo sobre relações homossexuais de um produto cultural específico para ser divulgada e usufruída por outros fãs que também poderiam ter contextos semelhantes. Senão eram leitoras, eram leitores LGBTs+ que puderam ver a si mesmos nas histórias.

Com o fim do Código Hays,<sup>1</sup> vigente há mais de quatro décadas, ainda existe resistência da produção cultural em abordar questões que fujam do senso heteronormativo. Considerando as produções audiovisuais como uma forma de representar o ideal de sociedade, é claro que o indivíduo queer não seria bem caracterizado nestas mídias. Segundo Judith Butler (2003), quando o fã é de uma sexualidade e gênero fora do padrão heterossexual, ele buscará validação da sua identidade de alguma outra forma. Devido a isso, proliferam-se dentro desse tipo de literatura o romance LGBT+ de produções existentes, diferindo-se do seu cânone como uma resposta ao queerbaiting ao mesmo tempo em que fornece narrativas satisfatórias para esse público.

A partir de 2010, pudemos assistir ao aumento do número de produções midiáticas canônicas representativas, fruto das fanfics e do clamor dos fãs pela busca por identificação. Contudo, enquanto a igualdade não prevalecer, a fanfiction continuará sendo um espaço de representação, de existência, do “lugar ao sol” nas grandes narrativas.

<sup>1</sup> Regulamento de normas morais aplicadas ao setor cinematográfico nos EUA entre 1930 e 1968. Condenava beijos e língua, sexo, sedução, nudes, aborto, profanação, etc.

# O Impacto da Literatura Young Adult

Podemos considerar o início dos anos 2000 como um período poderoso de ascensão da literatura Young Adult. Através de grandes momentos, elas engajaram e trouxeram à tona a cultura literária para o cotidiano das crianças, dos adolescentes e jovens adultos da época, cultura esta que vem se entendendo até os dias atuais.

A literatura que começou a ser consumida por tal público possui um conteúdo literário diferente do que o ensino buscava introduzir. Naquele, o que vinha a ser consumido não se tratava da literatura clássica nacional, mas vinda do exterior, considerada (por quem?) puramente popular.

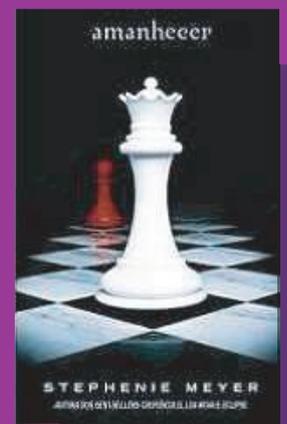
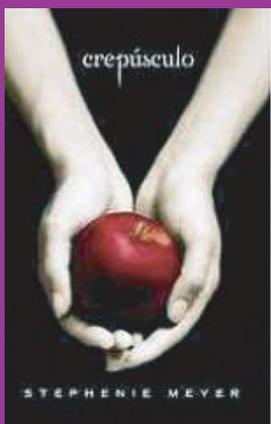
Apesar de ter o entretenimento como foco, a cultura literária trouxe diversos aspectos positivos tanto para a comunidade leitora que ainda estava em formação quanto para a que não usufruía daqueles livros, pois a mudança na sociedade ocorria direta e indiretamente. Dentre os benefícios, encontravam-se pautas femininas e positivistas, representadas em narrativas nas quais a personagem protagonista era feminina e se mostrava capaz, determinada, fornecendo espaço para opiniões e pensamento das mulheres.

Um exemplo de obra conhecida por este caráter é também uma das mais populares em meados do século XXI: *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, publicada entre os anos 2004 a 2008. Nela, não somente temos a presença de outras mulheres tão imponentes e determinadas quanto Bella, como Alice Cullen e Rosalie Hale, que certamente foram inspirações nas vidas das leitoras.

*Crepúsculo* ainda coloca em pauta uma questão que desde décadas atrás é um problema a ser enfrentado pela e na sociedade: a heteronormatividade. As narrativas e as produções audiovisuais vêm impondo, a partir de seu início, casais heterossexuais. É sabido que tal imposição acarretou em problemas de aceitação LGBTQIA+, dentro e fora da comunidade, pois não se retratavam relacionamentos homoafetivos em quaisquer produções, sejam cinematográficas, televisivas ou literárias.

O impacto causado pelo consumo dos livros Young Adult foi responsável pela divisão de público no país. Em média, pessoas que tinham até 25 anos consumiam mais conteúdo literário do que as mais velhas. Além de ser um avanço para a literatura, uma vez que anterior àquela época os livros não eram fruídos pela faixa etária jovem, a revolução deste gênero pôs em xeque temas que a sociedade viria a discutir sobre.

Tal impacto foi tão grandioso que se introduziu rapidamente numa nova forma de entretenimento: produções audiovisuais, as quais adaptaram diversas obras literárias para as telas, impulsionando a procura pelas obras originárias. Livros como *O Diário da Princesa*, de Meg Cabot, *Harry Potter*, de J.K. Rowling e *As Crônicas de Nárnia*, de C.S. Lewis, são alguns dos inúmeros exemplos demonstrativos da relação entre o público leitor e suas adaptações.



# QUIZ

**Qual tropo audiovisual dos anos  
2000 você seria?**



**Quiz!**

# Referências:

## A POLÊMICA MODA DOS ANOS 2000:

- ABBAD, Bernardo. "Os anos 2000 estão de volta: tendências da época que voltaram com tudo". Diário, 2022..  
As tendências dos anos 90 e 2000 que não devem voltar. Claudia, 2017.  
MESQUITA, Giulia. "Para o retorno ao escritório, Miu Miu encoraja uma atitude mais sensual". ELLE, 2021.  
SANTHANA, Lelê. "A moda dos anos 2000 foi caótica e, por isso, tão legal. ELLE, 2021.  
YASMIN, Fernanda. "Por que a tendência Y2K pode ser tão perigosa". Medium, 2021.

## A REPERCUSSÃO DA MÚSICA POP

- SOARES, Thiago. A gênese da cultura do videoclipe. In: A estética do videoclipe. João pessoa- PB. Editora da UFPB, 2013, p. 175-218.  
MACENA, Rita de Mendonça. A exploração da mulher e do feminino na cultura pop: Corpos, mentes e vidas. 2021.  
O pop da virada do milênio (ainda) está entre nós. Monkeybuzz, [S.l.], p. 1-6.  
STRACHAN, Ian. Female artists and the digitization of labor in the music industry (December 2, 2014

## TROPOS AUDIOVISUAIS DOS ANOS 2000

- ENTENDA a diferença entre convenções de gênero e tropos narrativos. [S.l.], 24 mar. 2022.  
THE smart girl trope. Explained. [S.l.] | ; The Take, 2020.  
THE Manic pixie dream girl trope, Explained [S. l]; The Take, 2020.  
TROPO NARRATIVO X ESTEREÓTIPO; você sabe a diferença?. [S.l.]: Carissa Vieira. [S.l.: s. n.], 2021.  
MALUF, S; MELLO, C e PEDRO, V.: "Políticas do olhar: feminismo e cinema em Laura Mulvey", revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2) 256, maio-agosto 2005, p. 343-350.

## OS EFEITOS TEMPORAIS DAS COMÉDIAS DOS ANOS 2000

- CORTES, Andrea. Zeitgeist: o que é e como utilizá-lo para impulsionar o seu negócio. Rmessa Online, [S.l.], p. 23  
FRANÇA V.; SIMÕES P. Curso básico de teorias da comunicação. São Paulo: Autêntica, 2016. Capítulo 4.  
HOERTEL, Bruno Estrella. O que pode e o que não pode: A influência do politicamente correto para o cinema. TCC (Bacharelado em Jornalismo) - FACHA, [S.l.], 2019.  
Todo Mundo em pânico. Direção: Keenen Ivory Wayans. [S.l.], 2000. 1h28min.

## O LEGADO DE REBELDE

- REBELDE: conheça 7 versões do sucesso pelo mundo | Café+.  
CRÍTICA - "Elite": Rebelde para maiores", série da Netflix diverte mas não empolga.  
"REBELDE" segue como uma das maiores audiências do SBT,  
ESPECIAL RBD: top 5 apresentações do fenômeno mundial - Entretetizei.

## A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS

- BORDIGNON, Cristina, BONAMIGO, Irme Salate. Os jovens e as redes sociais virtuais, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 310-326, ago. 2017.  
GOULART (PUCRS), F. O ontem e o hoje da indústria cultural: do folhetim aos vlogs e redes sociais. Intuitio, v. 7, n. 2, p. 104-121, 18 nov. 2014.  
HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais. 2014. 160 f. Tese (Doutorado em Memória social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

## A FANFICTION E O DESEJO LGBT

- AHLIN, Charlotte. 11 classics that are secretly fanfiction. BUSTLE, [S.l.], 9 maio. 2016.  
MORRISON, Ewan. In the beginning, there was fan fiction: from the four gospels to Fifty Shades. The guardian, Reino Unido, p. sem, 13 ago. 2012.  
Multiple Contributors (1967). Spocknalia Issue 1. Garlic Press; DIGITAL: Cushing Memorial Library and Archives.  
PACHECO, Caroline da Silva. Entre clones, aliens e fãs: representatividade lgbt em séries e a produção de fanfictions dos fãs. Orientador: Profa. Me. Gabriela Birnfeld Kurtz. 2018. 123 f. Trabalho de conclusão de curso de Graduação (Bacharel em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Artes e Desing, PUC- RS, Porto Alegre, 2018.

## O IMPACTO DA LITERATURA YOUNG ADULT

- CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani. DEFILIPPO, Juliana Gervason. "Deu imprinting!: Vampiros, literatura best-seller e convergência das mídias a partir do fenômeno juvenil The Twilight Saga". 8 mai. 2019.  
SOUZA, Damilo Fernandes Sampaio. "A influência da literatura de massa na formação do leitor adolescente".  
IGUMA, Andréia de Oliveira Alencar. GAMA-KHALIL, Marisa Martins. "Literatura juvenil brasileira e intertextualidade: o jovem e seus encontros com leituras outras". 15 jul. 2020.